

Editorial

Morfologia Urbana: para além de um campo do conhecimento!

Eneida Maria Souza Mendonça 

Michela Sagrillo Pegoretti 

Vitor de Toledo Nascimento 

Linda Emiko Kogure 

Editores da Revista de Morfologia Urbana



<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i1.469>

Acreditamos que a Morfologia Urbana possa, sim, ultrapassar as fronteiras do conhecimento. É nesta perspectiva que apresentamos a edição 13.1 da *Revista de Morfologia Urbana* e suas respectivas seções: **Seção aberta, Perspectivas, Relatórios, Resenhas, Lançamentos e Notícias**. Na verdade, entre pesquisas, trabalhos e experiências no campo da Morfologia Urbana retratadas pelos artigos apresentados, propomos a reflexão sobre os desdobramentos interpessoais que a forma urbana é capaz de inspirar, seja como elemento que dá forma ao espaço urbano vivido, seja como área de estudo que aproxima pessoas, cria amizades e compartilha conhecimento.

A **Seção aberta** contempla quatro artigos inéditos e uma tradução. No artigo “A implantação de novos campi universitários e suas relações com o entorno próximo: estudo da expansão recente das universidades federais no Brasil (2000-2010)”, Lídia Maia Moreira, Caio Augusto Rabite de Almeida, Sabrina Andrade Barbosa e Klaus Chaves Alberto destacam que, na maioria dos casos analisados, os campi da segunda expansão universitária no Brasil foram implantados segundo modelos diferentes dos adotados nas décadas de 1960 e 1970. Os autores, ao aplicarem diagnóstico urbano e métricas da sintaxe espacial, mostram que a expansão recente priorizou campi menores, próximos aos centros da cidade e integrados ao entorno caminhável, tanto do ponto de vista funcional quanto morfológico, modelo este que oferece espaços dotados de maior vitalidade e acessibilidades urbanas.

Boas experiências ocorridas em Santa Catarina, no sul do Brasil, também são retratadas por Almir Francisco Reis, que integrou a equipe de projeto na ocasião do

alagamento e deslocamento da antiga cidade de Itá para a nova, há mais de 40 anos. Assim, o artigo “Nova Itá 2024: revisitando uma cidade planejada” reúne passado, presente e futuro considerando a história do lugar, a qualidade urbana decorrente dos ideais urbanísticos, que embasaram o plano urbano e se fazem presentes, com vigor, em espaços públicos e coletivos. Diante do cenário contemporâneo, o autor levanta, porém, preocupações e ameaças, que podem comprometer a identidade arquitetônica e paisagística do lugar.

E, por falar em interações em espaços livres e vida comunitária, o artigo “Caminhos sagrados: a influência das festas religiosas na Morfologia Urbana em Ouro Preto”, *cidade colonial brasileira*, de Júlia Beatriz de Souza Briet da Silva e Patrícia Regina Chaves Drach, leva em consideração a participação da Igreja Católica no processo de estruturação e organização da vida social no espaço público das cidades coloniais. Tendo como objeto as procissões da Semana Santa em Ouro Preto, as autoras mostram como esses rituais se relacionam com as principais vias da cidade, revelando que o percurso da procissão mais importante segue o antigo caminho-tronco formado pelas três igrejas matrizes do século XVIII. O artigo evidencia, assim, uma relação de reciprocidade que fortalece laços de significado entre vias estruturantes e os caminhos da fé.

E como andam as pesquisas quando o assunto é forma e movimento, ou seja, morfologia e mobilidade urbanas? O artigo de Vitor Meireles Dória e Rozana Rivas de Araújo, intitulado “Morfologia urbana e mobilidade: um mapeamento bibliométrico da produção científica de suas interseções” apresenta um panorama abrangente da produção científica,

que conecta esses dois campos. Por meio do mapeamento bibliométrico, o estudo quantifica e analisa as publicações a partir das quatro abordagens metodológicas da Morfologia Urbana: histórico-geográfica, tipo-morfológica, configuracional e analítica espacial. Os resultados mostram um expressivo aumento de publicações nos últimos anos em relação às duas últimas abordagens, evidenciando uma transição de um modelo teórico-conceitual para um analítico-preditivo. Esse avanço, segundo os autores, alicerçado pela recente democratização tecnológica e pelo uso de ferramentas digitais abertas poderá antecipar dinâmicas de fluxo ou orientar estratégias de planejamento para cidades mais inteligentes e sustentáveis.

O artigo de Michael P. Conzen, cuidadosamente traduzido por Flavia Botechia, corresponde a uma versão revisada do trabalho apresentado no XV Seminário Internacional sobre Forma Urbana, realizado na Itália, em 2008, e publicado originalmente na *Urban Morphology* 13(1). Intitulado “Como as cidades incorporam suas antigas cinturas periféricas: uma comparação intercultural”, o texto reconhece a amplitude dos estudos sobre o tema em diferentes partes do mundo e discute a necessidade de sua sistematização por meio de análises comparativas. Conzen destaca três pesquisadores fundamentais associados à formulação e ao desenvolvimento do conceito de cintura periférica: Herbert Louis, M. R. G. Conzen e Jeremy Whitehand. A partir dessa base, o autor retoma a categoria conceitual das cinturas periféricas e discute os principais fatores que condicionam seu surgimento. A análise comparativa do desempenho do conceito e possível distinção entre padrões e processos presentes considerou o estudo de 43 cidades pelo mundo, agrupadas, estrategicamente, em três escalas comuns. A pesquisa visou compreender contextos físicos, formativos e culturais próprios, ou seja, uma complexidade de outros fatores que moldam o desenvolvimento urbano e socioeconômico para além de uma fácil identificação das cinturas periféricas. Por fim, apesar de ter encontrado pontos em comum, o autor ressalta a existência de pesquisas aparentemente incongruentes e aponta a necessidade de estudos futuros mais refinados voltados à

modelagem normativa do conceito, às dinâmicas e seleção que envolvem o mapeamento das cinturas periféricas, além dos fatores culturais e transculturais presentes.

É possível se pensar em novas **Perspectivas** para a Morfologia Urbana tomando como referência uma significativa experiência pessoal? Acreditamos que sim e podemos provar... Nesta atmosfera, sete professores pesquisadores se articulam na *Homenagem à professora Staël de Alvarenga Pereira Costa: ISUF 2024 – São Paulo*. Ao se apropriarem de títulos próprios e abordagens ricas de histórias acadêmicas e profissionais, os autores usam a pessoalidade do discurso por Staël e nos contam um pouco de sua trajetória. A abertura do texto é feita por Heraldo Ferreira Borges que se apropria da palavra *referência* para lembrar momentos da homenagem realizada em São Paulo, no ISUF, destacando o papel desta mineira como professora, pesquisadora, autora e aluna.

Na sequência, a palavra *rumo* é escolhida por Gisele Barcellos de Souza ao retomar a viagem de Staël para a Inglaterra, em 1979, na ocasião de seu mestrado no curso *Urban Design* em Oxford, como orientanda de Ivor Samuels. Considera, pois, que tal experiência a aproximou do campo da Morfologia Urbana, cujos estudos se desdobraram em leituras urbanas de favelas brasileiras.

Já Maria Cristina Villefort Teixeira, se lembra da formação da amiga como arquiteta e urbanista, seu interesse pelo estudo da paisagem e sua atuação no planejamento urbano em Minas Gerais. Ela utiliza o termo *Laboratório da Paisagem* para enfatizar a importância deste espaço que fortaleceu a relação entre morfologia e paisagem por meio de inúmeras iniciativas de ensino, pesquisa e extensão.

Três palavras sintetizam o texto de Eneida Mendonça: *grandeza, liderança e amizade*. Ao nos contar sobre suas primeiras aproximações com Staël sob o ponto de vista acadêmico e profissional, relembra a importante missão da professora em trazer, pela primeira vez para o território brasileiro, o ISUF, realizado em Ouro Preto, no ano de 2007. Além disso, destaca a inserção de ambas nas redes QUAPÁ-SEL e PNUM e o apoio dado por Staël na alternância deste evento entre Brasil e Portugal, a partir de 2015.

Karin Schwabe Meneguetti escolhe a palavra *gentileza* para enaltecer Staël no convívio com alunos, orientandos e colegas. Destaca sua mais importante publicação em coautoria com a aluna Manoela Gimmler Netto: *Fundamentos de morfologia urbana*. Tal obra, segundo Karin, é um marco didático e oportuniza a partilha de conhecimentos para além de seus grupos de pesquisa, em língua portuguesa, alcançando jovens estudantes e professores brasileiros à luz dos estudos morfológicos.

Fechando o artigo, Manoela Gimmler Netto destaca Staël no seu papel de pesquisadora crítica e professora apaixonada e comprometida com a Morfologia Urbana. Aponta suas três principais publicações e inclui a quarta, ainda em andamento. A palavra *futuro*, escolhida por Manoela, sugere novas perspectivas para a Morfologia Urbana que podem se apoiar na experiência da estimada e visionária professora Staël Costa.

A seção **Relatórios** conta com o texto de Teresa Marat-Mendes para expor como se deu o XXXII encontro do ISUF, em Torino, Itália, em julho do corrente ano. Considerando o tema “Morfologia Urbana na era da Inteligência Artificial (IA)” e sua contextualização diante dos desafios impostos ao estudo da forma urbana, o evento contou com quatro palestras principais, além de sessões paralelas e mais de 200 comunicações que alcançam estudos em diferentes países. Teresa destaca também a presença de membros italianos do ISUF, os tributos dedicados aos professores Anne Venez Moudon e Jeremy Whitehand e a expectativa do próximo evento em solo chileno.

Já a seção **Resenha** do livro *Paraisópolis*: um atlas morfológico, de autoria do arquiteto e urbanista Alessandro Tessari, foi elaborada por Heraldo Ferreira Borges. Lançado durante o ISUF de 2024 em São Paulo, a referida obra analisa a favela de Paraisópolis sob a perspectiva da Morfologia Urbana, tendo como base a escola italiana de Saverio Muratori. A publicação conta com algumas contribuições inovadoras, a exemplo do posicionamento metodológico, conceitual, gráfico e não idealizador do autor. Chama atenção, ainda, para a necessidade de se observar a produção do espaço urbano das

favelas como forma legítima, a partir de sua lógica interna e cotidiana.

O livro *Architecture in the making: conversations on urban morphology and design* (2025), escrito por Rita Salamouni, Nicola Scardigno e Giuseppe Strappa, é o destaque da seção **Lançamento**. A obra propõe, por meio de uma abordagem dialógica, um método investigativo na leitura da realidade construída a partir de vários estudos de caso ao considerar possíveis derivações da produção da forma arquitetônica, criticando técnicas de *design* unificadoras, abstratas e desprovidas da percepção direta da realidade.

A seção **Notícias**, por sua vez, divulga algumas informações sobre o próximo ISUF a ser realizado em Santiago, Chile, em setembro de 2026. Sediado pela *Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos de Pontificia Universidad Católica de Chile* (PUC), o evento contará com sete eixos temáticos, a saber: (1) Patrimônio, Cultura e Identidade em Realidades Urbanas; (2) Transferências e Trajetórias de Inteligências na Teoria e História da Forma Urbana; (3) Mudanças Climáticas e Resiliência em Realidades Urbanas Incertas; (4) Integração dos Princípios de *One Health* na Forma Urbana para Potencializar o Bem-Estar; (5) Políticas e Práticas Inovadoras para a Tomada de Decisões sobre a Forma Urbana; (6) Revelando as Realidades Urbanas: Informalidade, Segregação e Exclusão e (7) Decifrando a Dinâmica Urbana: Explorando Inteligências e Métodos de Pesquisa.

Encerramos expressando nosso reconhecimento aos autores, pesquisadores e pareceristas que, com dedicação e competência, contribuíram para o fortalecimento da produção científica apresentada nesta edição da RMU. Acreditamos que a soma dos esforços individuais e coletivos pela Morfologia Urbana acaba ultrapassando barreiras e criando vínculos que unem pessoas e ideias.

Aos leitores, desejamos belas vivências morfológicas!